MERCOSUL; BRASIL E PARAGUAI: A INTEGRAÇÃO (IM)POSSÍVEL

Mário Ramão Villalva Filho
Instituição: Universidade Cruzeiro do Sul - Unicsul

Sinopse

Abordamos a relação Brasil-Paraguai em estudo comparativo do discurso dos comunicadores sociais, analisando as duas conotações possíveis da integração.

Partindo de várias entrevistas com os responsáveis dos meios de comunicação de Paraguai e Brasil foram recolhidos críticas e temas referentes ao processo de integração no *Mercosul*, especificando os dois países: Brasil e Paraguai. Neste contexto, priorizamos estudar as diferenças de relacionamento entre os dois países e o que se refletem nos meios de comunicação social. Assim sendo, comparamos os conceitos e preconceitos possivelmente existentes na elaboração das informações e os níveis de interesses em que são realizados os processos de emissão das matérias jornalísticas.

Palavras-chave: Jornalismo, Mercosul, Brasil-Paraguai

Apresentação

Realizadas as primeiras pesquisas, foram encontradas algumas evidências justificando a dependência Brasil-Paraguai. Este trabalho compara os níveis em que são realizados os processos de emissão das notícias no jornalismo do Brasil e do Paraguai, verificando os diferentes tipos de tratamento na questão da dependência e/ou integração entre os dois países. Analisando os diferentes discursos dos produtores de jornais que veiculam conteúdos referentes ao *Mercosul*, questionamos os conceitos ou preconceitos existentes no inconsciente coletivo. Para melhor compreensão da finalidade deste trabalho, realizamos entrevistas com os profissionais. Para tanto, a pesquisa buscou responder várias interrogantes.

1- É possível falar de integração quando Brasil e Paraguai apresentam desníveis econômicos tão acentuados?

Todos os entrevistados acreditam que é possível a integração; segundo Gustabo Fretes[xxvi], não necessariamente tem de que ser no mesmo nível econômico e cultural para alcançar o objetivo; pode-se pensar perfeitamente numa complementação em matéria cultural e econômica; seria muito rico para o Paraguai, que é um país pequeno, assimilar a experiência de países maiores e mais desenvolvidos; a integração não é só uma possibilidade é uma obrigação. Os desníveis entre os dois países está principalmente na formação acadêmica; a Argentina e o Brasil têm níveis mais elevados que a paraguaia, que segundo Fretes, deve-se, principalmente ao processo político de Stroessner[xxvi]. Por outra parte José Maschio, da Folha de S. Paulo, conta que na matéria que fez sobre a mão de obra no *Mercosul*, cita que no Uruguai o bancário ganhava, em dólares, exatamente o dobro do que ganhava o seu similar no Paraguai e este, o dobro do bancário brasileiro; em resumo, o problema era o seguinte: o brasileiro tinha o menor salário, menor qualidade de vida, a situação menos instável em termo de empregos do que esses bancários de padrão de vida da classe média alta. Estas são algumas das diferenças que os bancários uruguaios e paraguaios não vão querer perder; muito menos questionar uma estabilidade que eles possuem e que no Brasil não existe. Para Maschio, o fundamental é o homem, não o país, ou as fronteiras; o fundamental deve ser o homem; Maschio se considera um internacionalista, mas a realidade, para ele é outra: o homem é o lobo do homem, e nessas relações de jogo de forças, o país que tiver menor força vai ser mero quintal, como o Brasil já está sendo nos grandes países do primeiro mundo nessa globalização. Para Maschio o Brasil e a Argentina ainda lutam pela hegemonia; querem transformar os vizinhos também em seus quintais deles; Maschio não se declara otimista e acredita que só vai ter um mercado pró-forma; além disto existem as divergências que não foram resolvidas ainda, por exemplo, a rixa ou as diferenças entre Brasil e Argentina, a nível das pessoas, - sem considerar o mercado - a compatibilidade entre brasileiros e argentinos em função de uma coisa que foi fomentada pelos militares de ser o mais importante da América. Por outra parte o jornalista Mário Ruben Alvarez do Canal 13 (Red Privada de Comunicación), acredita que o Paraguai, geográfica e politicamente é importante porque tem localização estratégica entre a Argentina e o Brasil para gerar comércio peculiarmente com áreas maiores como os Estados Unidos, Europa e Ásia; ele acredita que não seja uma imposição para o Paraguai - no sentido real da palavra - a inclusão deste no *Mercosul*, porque o *Mercosul* é um projeto quase, única e exclusivamente econômico; o social é *um anexo do anexo do anexo* e existe por pressão das Centrais Obreiras, segundo as palavras do próprio Alvarez; coloca como exemplo a União

Européia porque esta percebeu melhor, que a pobreza pode destruir, ou a saída da pobreza pode dar vida ao mercado, porque sem consumidores não há mercado; no *Mercosul* há mais excluídos que incluídos. O Brasil possui muitos miseráveis assim como a Argentina que também está sentindo a extrema pobreza; o Paraguai, igual ao Brasil também tem problema de tenência de terra, só que a maioria dos camponeses invadem os centros urbanos como Cidade do Leste ou Assunção e antigamente Buenos Aires; o *Mercosul* é um projeto de cúpula e não de participação social ou cultural. A integração é necessária, porém aqueles países de menor desenvolvimento como o Uruguai e o Paraguai deveriam ter algumas vantagens procurando uma equidade; não existe projeto integrador baseado na iniquidade como está planejado atualmente.

Para Alvarez, existem muitos desníveis entre os que produzem com "trator e com os que produzem com enxada, facão e pá; aqui quem tem agricultura mecanizada são geralmente estrangeiros do sul e do leste, os brasiguaios; são mais de 300 mil que moram perto da fronteira[xxvi], que varia de número porque alguns voltam a se juntar com os sem terra (do Brasil), é um fenômeno migratório que não há suficiente estudo, mas que o governo (paraguaio) deveria se interessar, porque amanhã pode o Itamaraty dizer *Isso é nosso*, como já fizeram com a Bolívia". No que se deve insistir é - segundo Alvarez - a relação de justiça no Itaipu que é o exemplo clássico de desníveis por culpa do Stroessner. Tem que ser revisto o projeto. É mentira que só o Brasil pagou e que o Paraguai só colocou o rio. Na questão dos brasiguaios, Maschio, jornalista da Folha de São Paulo também aborda o tema lembrando que em 1984 - antes da época em que Stroessner foi derrubado - se estava tendo problemas entre campesinos paraguaios sem terra e a expansão do latifúndio brasileiro no Paraguai; naquela ocasião, o Cônsul brasileiro em Assunção falou: *Olha, ali perto do Paraná eu deixo um barco, porque o dia que cair essa ditadura os paraguaios vão matar todos os brasileiros que estão aqui*. Maschio conta que achava um exagero, mas que depois de fazer muita matéria no campo no Paraguai, conheceu os novos ricos da agricultura paraguaia: são brasileiros descendentes de alemães, que falam muito mal o português, e odeiam os *chirus,* que é como eles tratam os paraguaios de lá; estão ficando ricos com as vantagens dadas pelo governo do Paraguai; vantagens que não se dá para o paraguaio ou para a população nativa. Os fazendeiros brasileiros estão ricos, controlam a produção de soja do Paraguai e a produção agrícola em geral; para Maschio, eles não são *Mercosul,* eles são síntese do capitalismo, porque, não querem saber se é Brasil ou Paraguai, o que eles querem é ganhar dinheiro e contribuem, por exemplo para empacar o processo de unificação dos povos. Estas são

as razões do porque no interior do Paraguai onde existem esses brasileiros, os paraguaios são revoltadíssimos com o Brasil, porque são tratados como gente de segunda categoria; quando pressupõe-se um tratado de unificação como igualdade de tratamento, não se pode existir o sócio ou parceiro de segunda categoria; o *Mercosul* deve ser um entroncamento, uma integração.

Editor de economia do jornal *ABC*-color, Luis Bareiro diz que o Paraguai poderia obter vantagens por ser o país menos desenvolvido; mas antes deveria se esclarecer alguns itens, por exemplo, a integração cultural. O Paraguai sofre de uma agressão cultural por parte do Brasil na região da fronteira, onde foi imposta de alguma forma o português, e a moeda brasileira. Depois, tem que se ver o que vai acontecer com Cidade do Leste; uma herança ruim do Stroessner; porque o grande comercio que se deu ali criou toda uma infra-estrutura chegando a ser a terceira cidade na América Latina em movimentos de capitais. O Presidente Clinton apresentou ao senado americano um boletim informando que através do Paraguai circulavam 14 bilhões de dólares anuais, que para Paraguai seria impossível pelo seu tamanho econômico; é mais um lugar de trânsito de dinheiro e mercadoria. O Paraguai se beneficia, principalmente pelo uso de serviços; mas, esse negócio vai desaparecendo e vai ter que procurar substituição. A substituição por enquanto está a cargo do Parque Industrial chinês e coreano; que na verdade têm bastante resistência por empresários brasileiros, porque vai significar uma competência forte; de fato no Paraguai já estão sendo montados alguns eletrodomésticos e computadores, ainda no mercado informal e o objetivo é formalizar toda essa economia. Conforme Bareiro, o Paraguai vai ter vantagens no *Mercosul*, ele cita que ao Paraguai sempre foram fechadas alguns mercados como a da Argentina; os argentinos sempre colocavam várias travas ao ingresso de mercadorias paraguaias; com o Brasil nunca houve maiores problemas, a circulação foi bastante livre. Paraguai realmente tem mais do que ganhar no *Mercosul*, insiste Bareiro, porque as indústrias paraguaias, que são poucas, de alguma formas sempre tem competido, porque o mercado no Paraguai sempre foi totalmente aberta; além disto, alguns investidores o vêem como o melhor na entrada ao *Mercosul,* porque tem menos e mais baixos impostos; existe mão de obra mais barata com menor encargos sociais e é menos burocrático montar uma empresa; dos que nos restos dos países. Para Bareiro o Paraguai é um país que tem um marco econômico equilibrado, sempre teve inflação baixa, um tipo de câmbio estável, uma dívida externa pequena. Alguns dias antes da entrevista ocorreram manifestações de camponeses paraguaios pedindo a exclusão do Paraguai do *Mercosul*, alegando que o país não teria condições de competir e que o único que se poderia

exportar é a pobreza; sobre isso Bareiro respondeu que obviamente o setor produtivo rural paraguaio esta em crise e tem temor à competição; por exemplo com a Argentina em matéria de trigo e ao Brasil em matéria de soja; aqui eles se perguntam, em que condições irão competir; o Paraguai no setor produtivo tem um sistema totalmente arcaico de produção - justifica Bareiro - não há financiamento, a maioria das pessoas utilizam ainda um sistema rudimentário de produção sem a mecanização e com técnicas obsoletas; o setor produtivo paraguaio precisa ser reformado para ter condições de competir. Com ou sem *Mercosul* este setor sempre teve problemas, por exemplo, as hortaliças que se consomem em Assunção são argentinas ou brasileiras, até chilenos. Porque há mais acesso desde a região produtora da Argentina ou do Brasil do que o interior do Paraguai até a capital. O Problema é de estradas, de infra-estrutura, e os camponeses paraguaios interpretam como um problema do *Mercosul*, quando o problema é interno, o problema é do Paraguai, finaliza Bareiro.

2. Os discursos de integração veiculados pelos meios de comunicação colocam em destaque esses desníveis?

O que significa Integração, existe pouca divulgação; tudo fica a nível oficial e com alguns economistas. Também existe pouca divulgação entre os setores privados das industrias, a não ser entre alguns setores que serão afetados diretamente. O editor de economia do jornal paraguaio *ABC* (Bareiro) começa dizendo que existem outros aspectos que são bastante discutidos nos jornais, que é e o que vai ser de Cidade do Leste, que era importante pelo ingresso fiscal; mas que depois da redução da cota máxima por parte do governo brasileiro - de 250 a 150 R$-, já vem afetando o nível comercial de Cidade do Leste e por conseqüência imediata provocou uma redução nas arrecadações fiscais. Segundo o próprio especialista econômico, o Paraguai após ter superávit fiscal, está enfrentando déficit. Estes fatos fazem com que aumente o temor sobre o que significa o *Mercosul* e quais serão suas conseqüências. Já para Antônio Campos da Rádio Eldorado (São Paulo) os pequenos países não aparecem nas informações, e ele acredita que está faltando uma espécie de relações públicas um pouco mais forte das empresas e dos governos dos dois pequenos países "Estamos aqui fazendo negócios, a gente existe". Esta seria a única forma das pessoas entenderem que o Paraguai ou a Bolívia[xxvi] são bons lugares para se investir. Os jornalistas paraguaios, do rádio, Alvarez; e da televisão, Fretes; coincidiram ao destacar os desnível existente entre o Paraguai e os dois grandes vizinhos, citando as diversas áreas; como a

educação, e economia. Eles também concordam ao afirmar que não poderia se realizar uma projeto integrador baseado na iniquidade. Nas declarações de José Maschio, encontra-se mais contundente as diferenças como são tratadas as informações referentes aos pequenos países integrantes do *Mercosul*; em especial com o Paraguai, onde ele realizou várias matérias para o jornal *Folha de S.Paulo*; Maschio particularmente tem dado destaque a esses desníveis; de como são tratado alguns paraguaios pelos brasiguaios donos de terras; e a diferença no nível de qualidade de vida entre um bancário brasileiro com o do Uruguai e do Paraguai.

3. Há uma diferença substantiva entre os discursos oficiais (governamentais) e os discursos produzidos pelo jornalismo?

O responsável pela redação do telejornalismo da RPC (Paraguai), Gustabo Fretes, diz que qualquer linha editorial vai ter que responder necessariamente aos interesses e idéias da empresa; especificamente a empresa em que ele trabalha tem um posicionamento mais de críticas ao governo de seu país, por uma questão de diferenças empresariais; e ali há uma história de problemas econômicos ou comerciais com o outro canal[xxvi] e cada empresa defende os seus interesses e aos seus políticos. Com relação ao *Mercosul* a empresa é de total apoio, nenhum colunista ou editorialista tem expressado idéias contrárias. A rádio *Eldorado*, segundo Antônio Campos, foi a primeira a fazer um boletim diário em relação ao *Mercosul.* Nesse boletim havia entrevista com empresas que estavam interessadas ou analisando o comércio entre os países participantes; a princípio, o projeto do *Mercosul* trouxe muitas dúvidas. O programa só saiu do ar quando o *Mercosul* estabilizou-se. Para a *Eldorado* era importante porque envolvia a área dos empresários pois a sua característica principal é a dos grupos A e B, que são os grupos que têm negócios. Atualmente a *Eldorado* continua fazendo notas, materiais, entrevistas, boletins e reportagens, pelo menos uma vez por semana falando do *Mercosul*; assim como da Alca. Também, quando tem reuniões de cúpula enviam repórteres. Questionado ao então diretor de redação da rádio *Eldorado*, de que o *Mercosul* não é só negócios e economia, ele diz: "Lógico, tem outras coisas, mas o que nos interessa hoje aqui é a parte dos negócios e das discussões sobre o *Mercosul*. Agora que o *Mercosul* está estabilizado e em andamento, o nos interessa são como as empresas estão conseguindo se ajustar; os carros que vem da Argentina para cá, envolvendo Paraguai e Bolívia[xxvi], é o que acaba sendo o *Mercosul* hoje". Para Campos, a imprensa está destacando mais os negócios entre Brasil - Argentina; ele acredita que a participação do Paraguai

e da Bolívia nesse ponto ainda são irrelevantes: ”Não consigo acompanhar isso nos jornais. Acho interessante você apurar, porquê só tem notícia da Argentina? Talvez porque a Argentina seja o parceiro mais forte, mas deve ter alguma empresa ou alguém que esteja fazendo parceria com Paraguai e Bolívia”. Ele diz também que essa ausência na informações dos demais países do acordo poderia ser porque está faltando uma espécie de relações públicas um pouco mais forte, precisaria que esses governos e de suas empresas um pouco mais de atuação, “Só vejo a Argentina e o Brasil, não vejo o resto, não consigo ver nos jornais, nos noticiários algo mais sobre isso”, termina dizendo o representante da rádio *Eldorado*. Por outra parte a rádio *Primero de Marzo*, cuja programação é de 90% de materiais informativos, foi sempre integrador nos seus comentários e opiniões, inclusive nos distintos aspectos: econômico, social, cultural, político, etc.; eles procuraram sempre abordar uma maior informação; para que serve o *Mercosul* e se convém para todos; assim o define Mário Ruben Alvarez, que para ele o *Mercosul* foi imposto pelos grandes senhores, porque não houve um plebiscito ou algum outro tipo de consulta; simplesmente o Paraguai foi colocado dentro; Alvarez resume que a rádio que ele dirige tem uma postura de aceitação, mas com críticas ao *Mercosul.*

A linha editorial do jornal *ABC* é totalmente a favor da integração econômica; para Luis Bareiro, editor de economia, este é a forma como ele vê o jornal; além disto acrescenta que a única possibilidade que têm as empresas paraguaias de se desenvolverem, é se orientando ao mercados da região; porque o mercado interno é pequeno; não é rentável para a dedicação exclusiva ao autoconsumo. A causa de que Paraguai é mediterrâneo, ele já teve muitos problemas para sua exportação fora da região, porque tem que passar por território argentino ou brasileiro, principalmente pelos rio Paraná e rio de la Plata, que são os caminhos para a exportação paraguaia; neste aspecto os argentinos colocam umas série de travas burocráticas para a exportação; então é quase impossível exportar para fora da região, assegura Bareiro e que é umas das razões do porque 80% da produção paraguaia vai para Brasil e o resto vai para o Chile e a Argentina; Bareiro resume dizendo que para Paraguai não há outro caminho fora do *Mercosul*.

4. Há um conceito ou preconceito dos profissionais do jornalismo quando são editadas informações relacionadas ao outro país?

Questionados os entrevistados de que no Brasil fala-se muito do Paraguai em geral relacionando-o com o conceito ou preconceito do contrabando, falsificações e tudo o que parece

informal- inclusive citando várias músicas nesse contexto - o diretor de redação da rádio *Eldorado*, Antônio Campos, diz que ao Paraguai falta uma espécie de Relações Públicas para mudar esta imagem; ele não vê outra forma; fazer uma feira no Brasil, levar empresários para lá; tem que mudar, isso é um trabalho de imagem, de marketing. No Brasil, - continua Campos - existe este preconceito, correto ou não quando se pensa no Paraguai; é como as pessoas em geral pensam: um lugar donde pode-se fazer contrabando; ele acredita que não é correta e que deve ter alguma coisa no Paraguai, mas que não consegue dizer exatamente o que o Paraguai produz. Ele diz que lê muito e não consegue descobrir o que fazem, mas acredita impossível que não tenha nada no Paraguai. Ao outro jornalista entrevistado, José Maschio da Folha de S. Paulo, foi mostrado vários artigos que de alguma forma nomeiam ao Paraguai pejorativamente; ao que ele acredita de que se os jornalistas brasileiros tratam ao Paraguai como o parceiro de terceira categoria, "assim quando querem comparar o Brasil com uma merda, o comparam com o Paraguai", é a palavra textual de Maschio. Assim é que a mídia brasileira continua tratando o Paraguai como um país de segunda categoria; não existe esse desrespeito com a Argentina. Isto se sente mais no Paraguai, conta Maschio quando foi entrevistar aos empresários donos de terra, que era vereador na cidade dele, trata o paraguaio como um animal de segunda categoria, estes também são preconceituosos; estas pessoas assumem o poder político no municípios e não se sentem paraguaios, eles odeiam os chirus[xxvi], tem nojo, são preguiçosos, não respeitam o processo cultural de cada povo. Maschio se pergunta as origens disso, será porque o Stroessner ficou muito tempo lá? Quanto tempo ficou o regime militar no Brasil e na Argentina e no Uruguai?. Não adianta globalizar, - continua Maschio- existem diferenças regionais; os diferentes não gostam de se misturar; e tem pessoas que se acham mais importante porque nasceram no Brasil ou no Estados Unidos. Hoje, o que se busca é fazer a globalização só em caráter econômico, vendas, competição, quem consegue vender mais comprando menos; esta globalização neoliberal está indo bem; mas observando o exemplo da Iugoslávia que se desfarela em várias repúblicas sangrentas; na Itália o movimento separatista; na França o movimento contra estrangeiros; na Alemanha, um dos países mais racistas do mundo; que integração é essa se existe sempre os cidadãos de segunda categoria?; e que os jornalistas democráticos respeitadores dos direitos humanos como Luis Nassif, Josias de Sousa e Clovis Rossi[xxvi], considerados pessoas eticamente corretas, colocam um outro país para dizer que o Brasil esta ruim. E o respeito pelo outro país? Isso não é por maldade, a pessoa está na máquina sentada e faz; é pior que fosse por maldade,

porque quem não gosta de alguém, fala que não gosta e tem uma relação diferente, mas a pessoa faz de uma forma inconsciente, é porque já está nas razões genéticas da raça; porque é uma coisa inconsciente. Maschio acredita que na esses mercados são mercados da elite, as elites latino-americanas; são as elites que se estão unindo nesses blocos, o trabalhador mesmo está mais preocupado com outras coisas a integração real; e conta que quando participou de vários encontros de trabalhadores e camponeses da América Latina; não sentiu desprezo pelo parceiro mais pobre; e o Sem Terra brasileiro não tratavam o Campesino Sem Terra paraguaio o uruguaio como segunda categoria; Em Assunção, por exemplo o brasileiro é tratado de uma maneira diferente pelos paraguaios que no interior; porque em Assunção não recebem nenhuma pressão da discriminação; mas no departamento de Alto Paraná fronteira com o Brasil a situação é totalmente diferente; o mesmo caso que aconteceu na Bolívia, os brasileiros de lá devem se achar os melhores, "aquela mesma coisa do cidadão de segunda categoria, eu sou de primeira, sou brasileiro". Para Maschio é a elite que tem essa coisa de dizer quem é bom e quem é ruim; e foi a mesma elite que celebrou o acordo de Itaipu amarrando o Paraguai ao Brasil na época que o Brasil tinha embate com a Argentina, que hoje não tem mais razão de ser; este acordo pode ser repensado. Na óptica de Maschio, o Paraguai é o país que tem melhor estrutura, energia abundante e terra fértil nesse eixo do *Mercosul*, tirando os fatores políticos e pensasse só nos fatores geográficos e de potencial econômico é o país que melhor se daria, está pronto para se desenvolver; só tem um problema, a sua elite, que como toda elite latino-americana pensa só naquele grupo.

Outra definição que foi observado na entrevista com José Maschio, foi a sua afirmação de que o mercado informal realizada na fronteira do Paraguai e do Brasil é que sustenta o Plano Real. O governo sabe que se brecar ou fechar a fronteira para o mercado informal terá que arrumar empregos para todo esse pessoal, ou os sacoleiros do Brasil todo vão para frente das prefeituras para pedir emprego; é este o cidadão que não contribui com imposto, mas alivia a panela de pressão social que é o desemprego. Quando acabar tudo isso quem vai agüentar essa pressão do desemprego, porque todo esse pessoal é oriundo do mercado de trabalho formal, foram balconistas, bancários, metalúrgicos, funcionários públicos, esse é o perfil do sacoleiro, tudo egresso do mercado formal, eles entram no mercado informal ou clandestino e o governo tem que fazer vista grossa porque não tem onde colocar esse pessoal. O mercado informal, seguramente, 60% é mantido com mercadorias comprada no Paraguai; esse povo já fez o

Mercosul, o *Mercosul* dos pobres, dos excluídos; ele consegue crédito no Paraguai e vende no Brasil, ele se mantém comendo e trabalhando.

O que os jornalistas paraguaios pensam referente ao conceito ou preconceito sobre eles no Brasil? Eles procuram se defender; o jornalista de rádio Mário Ruben Alvarez, diz que existe no Paraguai os falsificadores, principalmente na Cidade do Leste, em que os fabricantes não são paraguaios; são chineses, árabes, americanos, que colocam suas fábrica ali pois existe mão de obra barata, e daí enviam ao Brasil. Isto chega através dos meios de comunicação e as pessoas formam a sua opinião; mas isto é só uma parte do Paraguai que nem sequer corresponde ao Paraguai. Os grandes falsificadores estão em Cidade do Leste só pelo Brasil; insiste Alvarez; Cidade do Leste é um território ocupado. Outro jornalista paraguaio, Gustabo Fretes do Canal 13, acredita que a imagem que o paraguaio dá no exterior, em parte é verdadeira, porque o Paraguai sempre foi caminho de narcotráfico, e ali falsifica-se até a consciência. Por outro lado, o comentarista paraguaio de economia do jornal *ABC*-color, Luis Bareiro, comenta que sempre foi assim; para o Brasil, o Paraguai foi o "estado pobre", assim como para a Argentina uma "província pobre", quer dizer "sempre fomos colônia", diz o economista; e Stroessner fez com que o Paraguai merecesse o título de contrabandista e falsificador, existem intenções de acabar com isso por parte de alguns setores da sociedade, porém deve-se entender que muita gente vive muito bem com esse sistema; em certos bairros de Assunção existem mais carros Mercedes Benz e mansões que carros ou casas pupulares; entende-se que no Brasil exista potentado porque a indústria brasileira permite isso, mas no Paraguai não existe indústria e todo esse pessoal dedica-se a algo, e não é precisamente à indústria. Bareiro deixa implicitamente um comentário de que existem grupos econômicos e políticos que não ficariam satisfeitos com a possibilidade de mudança da situação.

5- Quais são os conceitos ou preconceitos dos brasileiros que habitam o Paraguai?

"Existe algum sentimento negativo com relação à tragédia que foi a guerra do Paraguai (tríplice aliança). O que pensa o paraguaio do brasileiro?" Com esta pergunta indagou-se aos três paraguaios dos diferentes meios de comunicação. Para Fretes a própria história mudou esse fato; para ele, até os jovens gostam mais do brasileiro que dos argentinos. O paraguaio identifica-se mais com o brasileiro que com de outras nacionalidades. Alvarez, do rádio *Primero de Marzo* de Assunção, diz que lá o brasileiro é mais amável, comprador, e muito mais diplomático que o

bandeirantes; com a guerra da tríplice aliança (guerra do Paraguai) eles também invadiram, massacraram, impuseram governos etc., levando riquezas e territórios; contra os argentinos ficou uma mágoa, mas contra os brasileiros e uruguaios não se sente isso. Porém por quem o paraguaio sente raiva explicita ou implicitamente é contra os argentinos. Nesta parte Alvarez citou vários motivos como o aconselhamento de proibir a utilização da língua guarani nas escolas; já na época da independência os pró-argentinos[xxvi] queriam eliminá-la das escolas mas Francia[xxvi] não permitiu; mais tarde em 1876, os argentinos voltaram a aconselhar a eliminação da língua.

Com relação a este tema da guerra da "tríplice Aliança", Luis Bareiro acredita que existe um fenômeno especial; para ele a lógica diz que o paraguaio deveria ter um forte ressentimento pelo Brasil, porque na guerra foram tropas brasileiras que assolaram o Paraguai; depois que a guerra terminou, arrasaram Assunção; saquearam-no e massacraram pessoas; essas tropas brasileiras formada na sua maioria de escravos que conseguiram a sua liberdade[xxvi] só para formar parte do exército brasileiro; a guerra significou muito, tudo o atraso que há inclusive o cultural, tem haver com essa guerra; até o dia de hoje sente-se seus efeitos, ficou no inconsciente coletivo; as pessoas se lembram ainda como se fosse hoje. Porém a fobia do Paraguai é mais pela Argentina; acredita-se seja por uma questão cultural e por encontrar-se mais perto da Argentina que do Brasil, por uma questão de língua. Além disto - continua Bareiro - os argentinos têm um caráter peculiar; a mistura do italiano com o espanhol fez um chato insuportável; mas além disto existiu a política de Stroessner que sempre foi mais pró-brasileiro que pró-argentino; e não permitiu que não houvesse muita revisão histórica; seria outro motivo de não houver rancor contra brasileiros; e outro motivo é por ser o principal mercado. Algumas exceções ocorreram em alguns lugares da fronteira onde os camponeses paraguaios vivendo mal foram despojados por brasileiros que compraram suas terra. Fora deste lugar não se da nenhuma fobia, existe uma relação curiosa com o Brasil; finaliza dizendo Bareiro, editorialista econômico do Jornal *ABC*. A integração é um fato irreversível no *Mercosul* e torna-se hoje praticamente uma obrigação, independente dos níveis econômico e cultural existentes entre os países envolvidos. Para os países de menor tamanho seria proveitoso assimilar a experiência e a força dos vizinhos mais desenvolvidos. Por exemplo, o Paraguai seria beneficiado pela sua estratégica localização geográfica entre o Brasil e a Argentina. O entrevistado José Maschio, da *Folha de S.Paulo*, também desta a idéia de que o Paraguai é mais bem dotado de estrutura de energia e de terra nesse eixo do *Mercosul,* porém crítica a elite paraguaia dizendo que somente quando houver a

mudança dos conceitos deste grupo, o país poderá se desenvolver amplamente. Segundo os entrevistados paraguaios, o Paraguai poderia obter vantagens por ser o país menos desenvolvido, mas antes deveria se esclarecer alguns itens como o fator cultural, porque a ditadura deixou seqüelas na cultura do país, em especial no que se refere à educação. Para eles o nível acadêmico sofreu um retrocesso; ademais do merecido conceito de descrédito que existe em relação ao Paraguai, também herança dos longos anos de ditadura.

Conclusão

Obviamente a maioria dos setores da sociedade paraguaia apoia a integração, inclusive os grupos que defendem maior cuidado com o processo. Existem alguns setores que a criticam, em especial o setor agrícola, que pouco tem se modernizado, e já faz algumas décadas vem sofrendo o impacto do contrabando de produtos alimentícios dos países vizinhos. Alguns setores da oposição levantaram esta questão, especialmente os "Campesinos Sin Tierra", que exigem uma melhor distribuição de terra. Segundo o informe de 1993 do Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento, o Paraguai é o primeiro em índice Gini com 0,94; seguido em segundo pelo Brasil, 0,86. O coeficiente Gini é uma medida de desigualdade de distribuição de terra que varia entre 0 e 1; quanto mais próximo de 1, maior é a desigualdade[xxvi].

Todos os entrevistados brasileiros e paraguaios, apontaram que o fator econômico é o eixo de todo o processo de Integração. O título deste trabalho sugere a possibilidade da integração entre dois países: Brasil e Paraguai. Neste sentido, procuramos verificar como está sendo realizado essa integração nos diferentes discursos de profissionais da área de comunicação, assim como de outras áreas ligadas ao *Mercosul*;

Verificou-se também que o Brasil e o Paraguai têm algumas semelhanças; cada um deles precisa se integrar primeiro em seu próprio território. Assim como no Brasil existem algumas regiões como o Norte - Nordeste; no Paraguai, apesar do pequeno território, existem regiões onde a língua espanhola não chegou. Nessas regiões utiliza-se o guarani, remanescente cultural indígena, que convive com o alemão ou português, falados pelos proprietários de terra. Existem outras semelhanças: segundo o Informe de 1993 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que mede a concentração fundiária; o Brasil e o Paraguai, ocupam os primeiros lugares na desigualdade em distribuição de terra.

Neste contexto, o papel dos meios de comunicação social na integração, tem uma grande importância na construção da identidade social e regional; deve-se procurar dar mais espaço à heterogeneidade com que se apresenta o *Mercosul* na diversidade e superposições de culturas: indígenas, européias, africanas e asiáticas; respeitando a local; todas deveriam ser incluídas na busca da identidade, mesmo existindo consumos de culturas (ou produções humanas) diferenciados que geram a desigualdade no acesso e no seu uso. É possível que, através dos meios de comunicação social - grandes mediadores coletivos - levem a sociedade e a sua cultura a se conhecerem melhor, afirmando assim, sua própria identidade para uma melhor compreensão humana.

Pelas dimensões dos temas levantados, estes não comportaram análise pormenorizada que pudesse lhes dar total compreensão. Porém, se esses temas servirem como referência para outras pesquisas ou criarem um simples despertar ao tema principal, que é a integração; então os esforços de realização deste trabalho terão alcançado o seu principal objetivo.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Celso Luiz Nunes, *O Mercado Comum do Sul e o Contexto Hemisférico*, Serie Política Internacional, folheto da Política Internacional & Comparada-USP, São Paulo, Junho - 1991.

CHIAVENATTO, Júlio. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. Ed. Brasiliense, 22ª ed. São Paulo 1988.

FERNÁNDEZ ESTIGARRIBIA, José felix. *Aspecto político de la presencia de Paraguay en el Mercosur*. In revista *La comunicación y el desafio del Mercosur.* Org. Ilde Silvero. Fundación Konrad Adenauer. Assunção - outubro, 1991

FERREIRA, María Carmeni: Ramos Oliveira, J. *Mercosur*. *Enfoque Laboral*. Fundación de Cultura Universitária. Montevideo, 1991.

GRINGAS, R. *Antecedentes Históricos y Procesos de integración en América Latina*. In Mercosur. Integración Formal o Integración Real? Org. Carlos Manteca Acosta. Ed. Incasur. Buenos Aires, 1994.

----------. *Integración Formal o Integración Real?* Org. Carlos Manteca Acosta. Ed. *El Concepto de Integración Regional. In Mercosur.* Incasur. Buenos Aires, 1994

GUENA, Márcia. *Arquivo do Horror*. Fund. Memorial da Am.Latina. São Paulo. 1996.

POMER, Leon. *Guerra del Paraguay - Gran Negócio!*. Ed. Caidén Buenos Aires, 1968.

ROLON LUNA, Jorge. (org.) *Mercosur: La Integración Subordinada.* Base-Investigaciones Sociales. Assunción, 1991.

ROLON LUNA, Jorge. *Mercosur - Integración - La sinonimia inexistente,* Doc. de trabajo Nº 40. Asunción (Fondad-Paraguay, *BASE Investigaciones Sociales*. mayo, 1992.

SCHILLING, Paulo. *Mercosul. Integração de Dominação*?. CEDI Série Dívida Externa. São Paulo, 1992.

SILVERO, Ilde. (org.) *La comunicación y el desafio del Mercosur*. Assunción, Fiap-Fundação Konrad Adenauer, 1991.

VILLALVA FILHO, Mário Ramão. *El papel de la comunicación social en la integración.* In revista Hispania nº6 ano 1997. São Paulo.